

Reflexividades e identidades

Reflexivities and identities

Reflexividades e identidades

REFLEXIVIDADE NA PESQUISA ANTROPOLÓGICA EM SAÚDE: DESAFIOS E CONTRIBUIÇÕES PARA A FORMAÇÃO DE NOVOS PESQUISADORES. Ferreira J, Brandão ER, organizadoras. Brasília: Editora UnB; 2021. 288 p. ISBN: 978-65-5846-007-7.

doi: 10.1590/0102-311X00284221

Não é a primeira vez que as organizadoras da coletânea contribuem para a área de saúde coletiva, já que as professoras do Instituto de Estudos de Saúde Coletiva da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IESC/UFRJ) também foram coautoras, autoras e/ou organizadoras de outra coletânea fundamental para a formação do que chamam “*profissionais de saúde que são convertidos em pesquisadores e que retornam ao exercício da profissão*”¹ (p. 33). Há oito anos, foi publicada a coletânea intitulada *Etnografias em Serviços de Saúde*² (p. 28), apresentando estudos que “*ao esmiuçarem as vicissitudes, limites e práticas das políticas de saúde podem provocar inquietação ou até resistência nos leitores, sobretudo aqueles vindos dos serviços*”. A coletânea de 2014 destaca os cenários, os atores, as linguagens e as identidades em jogo nessas etnografias no/do/com o Sistema Único de Saúde (SUS), ou seja, as instituições nas quais as pesquisas são conduzidas, sejam elas consideradas consolidadas ou inusitadas, respectivamente hospitais e farmácias; as pessoas que se tornaram

interlocutoras das pesquisadoras ao longo das investigações, sejam elas usuários ou equipes de unidades; as expressões acionadas em disputas políticas, como é o caso de parto humanizado; e, finalmente, as etnógrafas em cena, sejam elas vistas como estagiárias pelos interlocutores ou assumindo o papel de usuárias dos serviços em que realizam a pesquisa. Este último destaque da coletânea de 2014 atravessa a de 2021.

Há nove capítulos distribuídos em duas partes na coletânea, a primeira composta de traduções e a segunda principalmente de reflexões de professoras e alunas do IESC/UFRJ. No terceiro capítulo da coletânea, as três autoras abordam a emergência de emoções ao longo do trabalho de campo em hospitais, tais como a indignação e o constrangimento, em situações nas quais “*o pesquisador seja profissional de saúde, com formação e com conhecimentos técnicos em determinada área da saúde, de modo a configurar uma dupla identidade*”¹ (p. 100). Elas narram interações entre os integrantes das equipes – e com eles – marcadas por hierarquia, impaciência e instrumentalização, de maneira que, nesses cenários, uma das pesquisadoras é convocada a abrir pacotes de luvas e opinar sobre a dosagem de um medicamento, sendo que ela é médica e, assim é identificada pelos integrantes, também em grande parte médicos. Esse cenário consolidado, o hospital, também é a instituição na qual a reflexividade é tomada como desafio em mais da metade dos capítulos da coletânea.



Desintoxicação, desculpabilização, desmoralização, decadência e desabafo são as expressões que percorrem o capítulo seguinte, um ensaio cujo cenário é a unidade de alcoolismo de um hospital psiquiátrico, no qual também emergem emoções, como a vergonha, embora os/as interlocutores/as sejam usuários/as, e não profissionais. Apontada como estagiária, doutora, psicóloga e amiga, a autora foi residente em saúde mental no estabelecimento, destacando assim o modo como as pesquisadoras são identificadas pelos seus interlocutores enquanto conduzem as etnografias em serviços de saúde.

As autoras pretendem “*estudar um tema de saúde (vacinas), dentro de um lugar efervescente (escola), com interlocutoras intensas (adolescentes), tendo que administrar um familiar presente (mãe) e estar acompanhada não apenas por um caderno de campo, mas de uma câmera fotográfica*”¹ (p. 150, grifo meu), no quinto capítulo. Já não é mais a identidade profissional (médica, psicóloga) que aponta no horizonte reflexivo desse fazer etnográfico, já que uma das autoras foi percebida, tolerada e acomodada pelas alunas principalmente como filha da professora, ela “*não se tornou tia, como geralmente são chamadas as pessoas que trabalham com crianças e jovens, mas uma amiga, a qual abraçavam*”¹ (p. 161).

Nem parente nem profissional, o autor do sexto capítulo era “*equiparado a um homem jovem heterossexual de sucesso*” nas academias de ginástica em que exercitou a observação participante, ao mesmo tempo em que suas reações às investidas sexuais de uma aluna fizeram que alunos e professores colocassem em dúvida sua “*masculinidade*”, ainda, segundo ele “*com muitas referências jocosas à possibilidade de eu ser gay*”¹ (p. 190-1). O autor também é professor de educação física e coloca no centro do fazer etnográfico a identidade sexual e de gênero.

A autora do sétimo capítulo foi confundida com as adolescentes que frequentavam a unidade docente-assistencial em que realizou sua etnografia, um hospital universitário, de maneira que sua “*aparência jovial provocou reações de identificação*”¹ (p. 225). Além de evocar uma empatia geracional e uma posição de gênero que facilitavam tais reações, a nutricionista foi identificada como igual pelas usuárias do programa de transtornos alimentares e convidada para conversar pelas

mães delas, oscilando entre a raiva e a admiração para com uma pediatra, de maneira que seu trabalho de campo releva um trânsito possível entre pacientes, parentes e profissionais.

A etnografia multissituada, desenvolvida em ambulatórios de dermatologia e outros estabelecimentos de saúde, foi conduzida com informantes que a autora conhecia “*de vista, por termos amigos da área acadêmica em comum*”¹ (p. 240). Ainda assim, a psicóloga por vezes foi recebida com desconfiança, sua formação tendo sido confundida com serviço social e ela mesma tendo sido incluída no grupo dos estudantes justamente “*por ser ‘a pesquisadora em hanseníase’*”¹ (p. 244).

No nono capítulo, as autoras também apresentam um cenário cercado de desconfianças e suspeitas, já que uma delas viveu provas de lealdade e teve acesso a documentos sigilosos enquanto frequentava reuniões e visitas em companhia de representantes das comunidades terapêuticas. A dupla posição da etnógrafa também a tornou alguém que colaborava na comunicação entre mundos diferentes para o estabelecimento de ações de políticas públicas, envolvendo certa “*diluição entre relações de pesquisa, voluntariado, amizade*”¹ (p. 270). Adquirir identidades ao longo do trabalho de campo alcança um espaço relevante nesse “*voluntariado de dentro, ao lado e de fora*”¹ (p. 278) de federações, conselhos e secretarias.

Essas e outras modalidades de etnografar estabelecimentos apontam para a relevância das duas traduções que compõem a primeira parte da coletânea, pois “*trabalhamos com pessoas que podem estar tanto em uma posição de vulnerabilidade, como em uma posição de dominância*”¹ (p. 67), seja em comunidades terapêuticas, hospitais ou escolas. Além disso, se uma das autoras traduzidas compreende as práticas de cuidado ao mesmo tempo “*como relação social, como construção social, como forma de vínculo social, como conjunto de comportamentos ritualizados e de gestos portadores de símbolos*”¹ (p. 88), por que não poderíamos fazê-lo nos ambulatórios, academias e demais serviços de saúde percorridos pelas/os demais autoras/es da coletânea?

Se “*em estudos na área de saúde coletiva, é frequente que o pesquisador seja um profissional de saúde que atua na mesma instituição em que empreende a observação e as entrevistas*”¹ (p. 102) temos situa-

ções nas quais a entrada nessa área se dá pelo fato de que a pesquisadora é parente de um paciente, entre muitas outras formas pelas quais as/os pesquisadoras/es foram identificadas/os pelas/os suas/seus interlocutoras/es, essa diversidade tendo sido possível principalmente pelo fato de que estavam alertas para esse elemento apontado pelas organizadoras, prefaciadoras e autoras das orelhas de livro e contracapas como indispensável, inerente, imprescindível, inevitável, essencial e constante no/do fazer antropológico em saúde coletiva: a reflexividade.

*Martinho Braga Batista e Silva*¹

¹ Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.
silmartinho@gmail.com

Informação adicional

ORCID: Martinho Braga Batista e Silva (0000-0003-3577-958X).

1. Ferreira J, Brandão ER, organizadoras. Reflexividade na pesquisa antropológica em saúde: desafios e contribuições para a formação de novos pesquisadores. Brasília: Editora UnB; 2021.
2. Ferreira J, Fleischer S, organizadoras. Etnografias em serviços de saúde. Rio de Janeiro: Garamond; 2014.

Recebido em 06/Dez/2021
Aprovado em 27/Dez/2021